

Contribuições da avaliação neuropsicológica infantil para a elaboração de programa de intervenção voltado à estimulação ambiental

Nayara Rodrigues Teodoro

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

nayararteodoropsi@gmail.com

Priscilla Custódia da Silva Teodoro

Centro Universitário do Triângulo – UNITRI

priscilla_custodia@yahoo.com.br

Jeanny Joana Rodrigues Alves de Santana

Universidade Federal de Uberlândia-UFU

jeannysantana@ufu.br

Eixo temático: **Eixo 1- Interfaces da psicopedagogia com as áreas de conhecimento: boas práticas interdisciplinares**

Resumo

O desenvolvimento do indivíduo ocorre mediante o contato com o meio externo a partir da relação entre fatores biológicos e culturais. Neste aspecto, a avaliação neuropsicológica pode ser útil na definição da natureza e na identificação de problemas de ordem comportamental e emocional, possibilitando a obtenção de informações sobre a cognição, personalidade e funções executivas dos examinandos. O presente estudo tem como objetivo apresentar um processo de avaliação neuropsicológica de uma criança encaminhada com queixas escolares e relacionar esta descrição com o planejamento de um programa de intervenção baseado na estimulação ambiental. A queixa apresentada foi desinteresse em aprender, além do baixo rendimento acadêmico. A avaliação se deu por aplicação de testes psicológicos, observações sistemáticas do comportamento, entrevistas e atividades não padronizadas (desenhos, produção escrita e artística). Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente, considerando as normas de correção dos testes psicológicos e as teorias do desenvolvimento cognitivo. Os resultados indicaram que o examinando apresentou desempenho abaixo do esperado para a população da mesma idade para os aspectos de inteligência e raciocínio geral, assim como também ficou com classificação baixa nos fatores atencionais, perceptuais e de memória. Além disso, as entrevistas realizadas com os responsáveis permitiram identificar a presença de limitações de estímulos nos ambientes tais como a baixa escolaridade dos pais e demais familiares. O examinando apresentou dificuldades relacionadas ao uso do conhecimento transmitido pela cultura através do treino formal e a capacidade de usar informações contextualizadas. Desta forma, as intervenções propostas ocorreram em duas frentes, uma de atenção primária, e outra de atenção secundária e terciária. Sugere-se à família e escola o desenvolvimento de atividades breves e de dificuldades progressivas tanto individualmente quanto em grupos de crianças da mesma idade, acrescido do possível encaminhamento ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou reforço pedagógico,

para sanar a ausência de estimulação ambiental e a inserção em atividades em equipe como práticas esportivas. Além disto, é importante a realização de acompanhamento no sentido de prevenir comorbidades relacionadas a transtornos de humor (depressão e ansiedade), considerando que atualmente há poucas oportunidades de inserção social, o que tem impacto negativo no senso de autoeficácia e autoimagem.

Palavras-chave: Avaliação Neuropsicológica; Estimulação Ambiental; Aprendizagem de Escolares

Introdução

Moldamos nossos comportamentos desde o começo da vida conforme o meio ao qual estamos inseridos (OLIVA et al., 2017), os comportamentos se desenvolvem mediante o contato com meio externo, sendo em sua maioria associados à sobrevivência. Logo, pode-se afirmar que o nosso cérebro se modifica de maneira constante pela interação com o ambiente (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O processo de desenvolvimento humano provém da relação entre aspectos biológicos e culturais (OLIVA et al., 2017).

Essa interação cultural e biológica é tratada por Harkness e Super (1986) pelo conceito de Nicho de Desenvolvimento, um modelo que pretende compreender o desenvolvimento humano levando em consideração inúmeros aspectos da vida dos sujeitos, assim como o papel dos cuidadores. Busca entender o processo de desenvolvimento da criança na relação entre o sujeito e a cultura, logo, acreditam que o crescimento da criança ocorre em um nicho de desenvolvimento.

Fazem parte desse nicho de desenvolvimento, as crenças parentais que direcionam as ações dos pais no que se refere à evolução de seus filhos, revelando como eles interpretam a realidade e as internalizam. Tais crenças são fruto das experiências dos sujeitos com os seus genitores e da cultura acumulada pelas gerações acerca de como são e devem agir como responsáveis por uma criança enquanto pais. Logo, as crenças construídas pelos integrantes de uma determinada sociedade influenciam nas práticas de cuidado resultando em diferenças no desenvolvimento (RUELA; MOURA, 2007). Isso demonstra que a maneira de agir dos cuidadores são reflexos de aprendizados construídos ao longo da vida, por meio de experiências e interação com o meio.

O processo de desenvolvimento é perpassado pelo conceito de aprendizagem, que nada mais é do que, um processo que ocorre na interação entre o indivíduo e o meio através da experiência. Durante a aprendizagem, o processamento de informações depende da integração de diversas habilidades, destaca-se as cognitivas atencionais, mnésicas e linguísticas, além de desenvolvimento emocional e comportamental (SIQUEIRA; GURGEL-GIANNETTI, 2011).

É durante a primeira idade que recebemos a maior quantidade de estímulos advindos do ambiente, estimulação esta que pode possibilitar o sucesso no desenvolvimento de habilidades futuras. Uma instituição que pode oferecer de forma efetiva esta estimulação é a escola, sendo um espaço que oferece estimulação pela realidade e por meio de estratégias pedagógicas consistentes e enriquecedoras (ZANATA, 2014). Para isto, é preciso que os envolvidos no processo de escolarização tenham conhecimentos acerca das etapas de desenvolvimento das crianças e suas particularidades, compreendendo as crenças que permeiam o contexto familiar de seus alunos.(SIQUEIRA; GURGEL-GIANNETTI, 2011).

A escola é um espaço de desenvolvimento do conhecimento formal, na qual se percebe de forma mais consistente as dificuldades, principalmente as relativas à aprendizagem (SEMKIW, 2014).O professor, neste contexto, é de extrema importância na identificação destas dificuldades, porém, para que ele consiga formular uma estratégia de intervenção pedagógica para verificar a possibilidade de solucionar a problemática no contexto escolar, este profissional precisa não apenas ter conhecimentos relativos ao processo de aprendizagem, mas também, conhecer o contexto ao qual essa criança está inserida.Somente com estes saberes será possível formular estratégias adequadas ou até mesmo fazer encaminhamentos dos sujeitos que precisam ter suas demandas investigadas e compreendidas por outros campos de saberes como o médico, o neuropsicológico, o fonológico, dentre outros (NEPOMUCENO; BRIDI, 2010).

Logo, a avaliação neuropsicológica pode auxiliar na definição da natureza e na identificação de problemas de ordem comportamental e emocional, possibilitando a obtenção de informações sobre a cognição, personalidade, estado emocional e funções executivas dos examinandos (HOWIESON; LEZAK, 2014). O presente estudo tem como objetivo apresentar um processo de avaliação neuropsicológica de uma criança encaminhada com queixas escolares e relacionar esta descrição com o planejamento de um programa de intervenção baseado na estimulação ambiental. O estudo de caso único é método útil para apresentar em mais detalhes os aspectos individuais dos sintomas do paciente, de forma a identificar e explorar fatores etiológicos e possíveis tratamentos, possibilitando contribuição ao corpo de conhecimentos sobre avaliação e intervenção em neuropsicologia.

Relato do caso

O estudo foi desenvolvido no contexto de um Projeto de Extensão Universitária no qual são realizadas avaliações neuropsicológicas de pacientes encaminhados por uma equipe médica especializada do Hospital Escola da Universidade. A equipe do Hospital, composta

por pediatra, neuropediatra, fonoaudióloga e residentes, realiza uma triagem inicial e identifica queixas escolares relativas à área da leitura e da escrita, referenciadas por relatórios escolares e descrição de responsáveis em anamnese, normalmente realizada no primeiro atendimento. Havendo necessidade de uma investigação, o sujeito é encaminhado para uma lista de espera da clínica escola de psicologia para avaliação neuropsicológica, esta por sua vez é realizada pelo grupo de extensionistas do projeto, contando com profissionais da Psicologia, estudantes e mestrandos da área.

O avaliando é chamado para avaliação por meio de contato telefônico realizado pelo extensionista no qual agenda as sessões para a avaliação, sendo a primeira sessão com pais ou responsáveis para coleta de dados sobre a história do sujeito por meio de anamnese, além de, explicar o que é uma avaliação neuropsicológica e da importância da pesquisa para uma instituição escola. Neste primeiro momento, o responsável que concordar com a utilização dos dados obtidos para pesquisa assina o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As demais sessões são momentos de avaliação com a criança no qual por meio de testes psicológicos, observações e atividades não padronizadas (desenhos, produção escrita e artística) busca-se avaliar a queixa demandada pelos responsáveis e pelos profissionais que o encaminharam. Ao fim da avaliação é realizada uma sessão devolutiva, na qual, é entregue laudo psicológico e por meio de conversa é pontuado ao responsável o que foi observado, além de sugestões para intervenção. Esse estudo possui Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) registrado sob número 64896816.2.0000.5152. Logo, os procedimentos empregados no estudo foram aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade sob o parecer de número 2.088.892.

O examinando Habib (nome fictício), sexo masculino, estava com 12 anos e quatro meses no período da avaliação, cursando o 3º ano do ensino fundamental em uma escola pública de uma cidade do interior do estado Minas Gerais, sendo repetente do ano escolar pela quarta vez consecutiva. Ele foi encaminhado com hipótese diagnóstica inicial de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) do tipo desatento.

Habib morava com mãe e avó materna em um bairro de periferia tendo pouco contato com o pai. Os pais são de baixa escolaridade, ensino fundamental incompleto e a avó, referência para o avaliando, analfabeta. Devido à baixa escolaridade dos integrantes da família, a responsável durante a anamnese relatou ter dificuldades no auxílio com as atividades escolares. Segundo a mesma, o examinando teve um desenvolvimento dentro do esperado para uma criança de sua idade sem nenhuma intercorrência, a única queixa

apresentada era o desinteresse pela escola com dificuldades de aprender, não sabendo especificar o tipo de dificuldade.

A avaliação se deu em oito sessões de 50 minutos cada, nestas foram coletados dados quantitativos e qualitativos para compor a avaliação. Os dados qualitativos foram obtidos por meio de observação do comportamento e do humor e em atividades não padronizadas (desenhos, produções escritas). Os dados quantitativos referem-se a desempenho em instrumentos e testes padronizados em sua maioria de uso restrito do psicólogo.

Por meio de observação foi possível verificar uma topografia corporal do examinando: retraimento, cabeça e fala baixa, postura curvada e andar vagaroso. Nas sessões apresentava sinais de desânimo com constante vontade de ir embora, além de demonstrar frequente necessidade de afirmação das respostas dadas, o que parece indicar sentimentos referentes ao medo de errar. No decorrer das sessões foi possível notar um gosto do examinando por questões relativas à vida na roça, plantações, animais de fazendas e coleta de lenha, o que era realizado e incentivado pela avó. Além disso, o sujeito não sabia especificar sua dificuldade dizendo que não tinha nada que achasse difícil na escola, apenas não gostava.

Com os instrumentos padronizados foi possível notar uma dificuldade no raciocínio geral, além de baixo desempenho em funções cognitivas básicas (Tabela 1). Os resultados foram analisados tanto em grupo como individualmente, assim como na modalidade quantitativa e na qualitativa, conforme sugerido pelo manual do WISC-III (NASCIMENTO; FIGUEIREDO, 2002) para uma análise eficaz. Em termos globais e quantitativos pode-se interpretar o quociente total de inteligência (QI total) e os das sub-escalas do WISC.

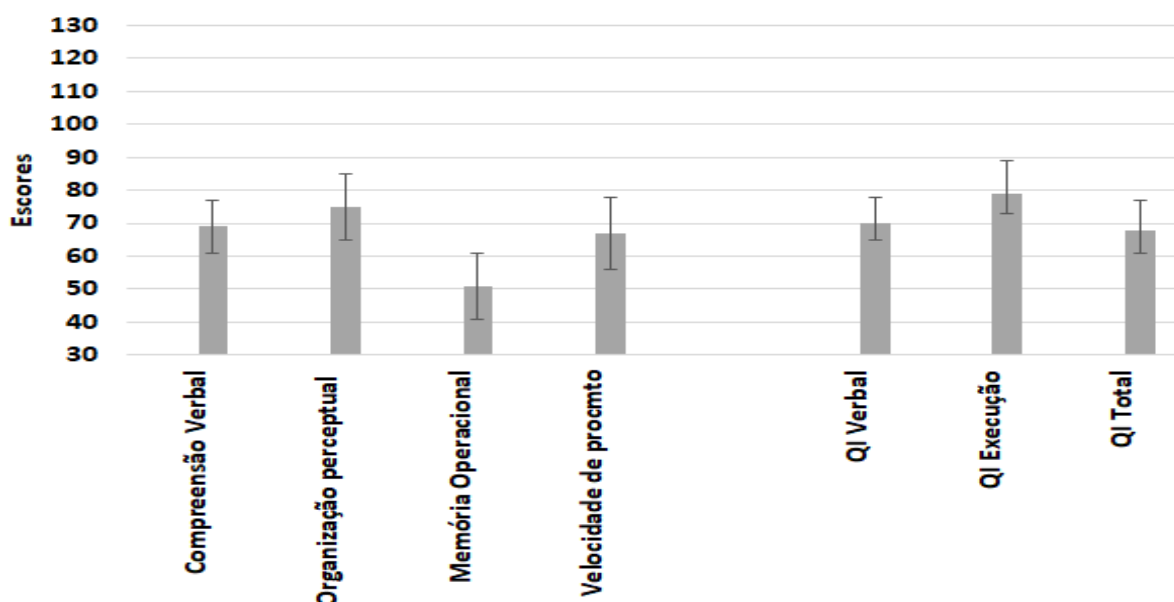
Tabela 1. Análise qualitativa e quantitativa das funções cognitivas analisadas nos testes padronizados.

TESTE	FUNÇÃO COGNITIVA	ANÁLISE QUANTITATIVA		ANÁLISE QUALITATIVA
TESTE TDE		Escorebruto	Previsto idade	Interpretação
Escrita	Decodificação auditivo-visomotor	5	29	Inferior
Aritmética	Raciocínio com números	5	22	Inferior
Leitura	Reconhecimento de palavras	22	67	Inferior
Total	Habilidades acadêmicas em geral	37	118	Inferior
F.C.REYFig A		Escorebruto	Percentil	Interpretação
Cópia	Percepção visual e visoconstrução	32	40	Médio Inferior
Memória	Evocação representação visual	16,5	20	Inferior
Teste AC		Escorebruto	Percentil	Interpretação
Score geral	Avaliação da atenção concentrada	29	5	Inferior
BPA		Escorebruto	Percentil: idade/escolaridade	Interpretação (idade)
Atenção conc.	Sustentar o foco atencional pelo tempo	43	10/25	Inferior
Atenção dividida	Selecionar mais de um estímulo alvo do ambiente	62	40/50	Média
Atenção alternada	Manter desempenho consistente na alternância foco	56	25/50	Média inferior

Atenção geral	Selecionar estímulos alvos e evitar interferência	161	25/55	Média inferior
FDT		Tempo(s)/Erro**	Percentil	Interpretação
Leitura	Avaliar a velocidade de processamento cognitivo	53/0		
Contagem	Capacidade de focar	72/0		
Escolha	Reorientar a atenção	114/1	<50	Média
Alternância	Capacidade de lidar com interferências	140/0		
Inibição	Controle do foco atencional	61/-		
Flexibilidade	Alternar entre modos de ação	87/-		

A inteligência geral é concebida como um construto psicológico vasto, pois implica capacidades como raciocinar, resolver problemas, abstrair, aprender através de experiências, realizar planejamentos, além de promover sentido a itens e eventos do ambiente e imaginar ações que devem ser realizadas nos diversos contextos (FLORES-MENDONZA, 2010). O QI total obtido por Habib no WISC-III pontua a avaliação da inteligência geral ao qual obteve-se resultados extremamente baixos (QI= 68) (Figura 1). Segundo os estudos desenvolvidos por Matoso (2014), QIs baixos podem estar associados a um rendimento escolar e/ou profissional baixos, além de, justificar dificuldades na adaptação e na integração social.

Figura 1. Desempenho do examinando no Teste WISC-III, em função dos escores de Índices Fatoriais; Escala Verbal; Escala Execução e Quociente de Inteligência Total (valor-p=0,05).



Já no que tange a atenção, Luria (1981) descreve que esta função tem um caráter seletivo e direcional, permitindo manter a vigilância do que ocorre ao nosso redor. Já

Stermberg (2000) a define como uma atividade mental, fenômeno por meio do qual pode ser processada ativamente uma quantidade limitada de informações disponíveis aos órgãos do sentido, às memórias armazenadas e outros processos cognitivos. Esta, foi avaliada de forma mais aprofundada, sobretudo devido à hipótese inicial de TDAH do tipo desatento, e por ser uma das funções mais importantes para a aquisição da aprendizagem.

Foram utilizados instrumentos padronizados de uso exclusivo do psicólogo para avaliação da atenção: AC- Atenção Concentrada (CAMBRAIA, 2009), com tempo de duração de 2 minutos e o BPA- Bateria Psicológica para Avaliação de Atenção (RUEDA, 2013), com tempo de duração de 10 minutos. O avaliando Habib. apresentou recursos atencionais gerais abaixo do esperado para a idade (Atenção Geral = percentil 25). São inúmeros os componentes que podem influenciar o desempenho da atenção como o contexto ao qual o indivíduo está inserido, seus anseios, motivações, a importância da atividade a ser realizada, o estado emocional, bem como, experiências anteriores. Estes fatores podem justificar o baixo desempenho, tendo em vista a baixa escolaridade identificada no histórico familiar favorecendo o recebimento de poucos estímulos ambientais.

Ao analisarmos a atenção também foi observada a necessidade de compreender melhor o aspecto de velocidade de processamento que nada mais é do que a capacidade dos sujeitos em manter o foco atencional ao realizar rapidamente tarefas simples de forma automatizada em situações que seja preciso manter a atenção (PRIMI, 2003). A avaliação dessa função inclui tarefas diversificadas, como associar de forma rápida números com símbolos, como o subteste Códigos do WISC III (Wechsler Intelligence Scale for Children) buscando responder a metas específicas e nomeação ágil de estímulos visuais (BILDWELL; WILLCUTT; DEFRIES; PENNINGTON, 2007; JACOBSON et al., 2011; WECHSLER, 2003).

Assim como na atenção, verificaram-se escores baixos na velocidade de processamento (IVP=67, percentil= 1, IC=41-61), além de baixa resistência à distração (IRD =51, percentil= -0,1, IC=41-61). Em estudo transversal realizado por El Hajj, Bueno, Zaninotto, Lucia e Scaff, (2014) no qual pretendiam verificar a velocidade de processamento, foram comparadas oito crianças com hipótese diagnóstica de TDAH e oito crianças saudáveis, que compoam o grupo controle, todas oriundas de escolas públicas. Utilizou-se no estudo instrumentos e escalas padronizadas concluindo que não há uma diferença significativa entre os dois grupos no que se refere à velocidade de processamento, apesar do primeiro grupo ter obtido resultados piores. Outros estudos evidenciaram que crianças diagnosticadas com TDAH tendem a apresentar um baixo desempenho em tarefas de

velocidade de processamento (IGNACIO et al., 2008; JACOBSON et al., 2011; SNOW; SAPP, 2000).

No que tange o aspecto da percepção, que é um conjunto de processos que promovem o reconhecimento, organização e a compreensão das sensações oriundos dos estímulos ambientais (STERMBERG, 2010), verifica-se os seguintes resultados nos subtestes: Armar objetos (13 pontos ponderados); Arranjo de figuras (quatro pontos ponderados); Cubos (sete pontos ponderados) e o desempenho no teste de Figuras Complexas de Rey (OLIVEIRA et al., 2004), abaixo da média geral nas fases de cópia que avaliam a percepção viso espacial, percentil 40.

Esta função é uma das mais importantes para a aquisição da aprendizagem, sendo fundamental na aquisição de saberes por meios sensoriais, logo, se está rebaixada haverá uma dificuldade em facilitar e mediar a absorção do conhecimento. Podemos ainda, afirmar que é por meio dessa capacidade que a criança percebe e adquire conhecimento no ambiente escolar que será utilizado posteriormente em outros momentos da vida. Dificuldades apresentadas por escolares, na percepção, podem ser minimizadas nos espaços escolares, com pequenas mudanças no ensino que podem potencializar a percepção do aluno, assim como conquistar a sua atenção para o que é ensinado. Estas mudanças se alicerçam em buscar utilizar os sentidos do educando (GOBATO et al., 2001).

Já a memória é responsável pela codificação, armazenamento e resgate de informações, sendo uma das funções mais complexas dos indivíduos. Possibilitando a recordação de experiências anteriores e a comparação com atuais, e consequente alteração de comportamento (ABREU; MATTOS, 2010). Com base nisso, nas Figuras Complexas de Rey na fase de recordação o examinando ficou na classificação inferior (percentil<20). No subteste 'Aritimética', foram 2 pontos ponderados; no subteste 'Dígitos', na recordação indireta, a capacidade alcançada foi de 2 dígitos, notando-se uma maior dificuldade para a recordação quando o material é verbal numérico.

Ao avaliarmos a linguagem, conceituada por Mansur (2010) a partir de fatores biológicos e sociais, fundamental para a adaptação dos indivíduos, obteve-se índices extremamente baixos (Índices de Compreensão Verbal = 69). Tais resultados demonstram uma dificuldade relacionada à utilização do conhecimento transmitido pela cultura, que é frequentemente adquirido em espaços formais, sobretudo, nas instituições escolares (FORQUIN, 1995). O que evidencia que o desdobramento do desenvolvimento das capacidades cognitivas, como a leitura, não depende somente de desempenhos individuais, mas também de fatores ambientais (MAIA; FONSECA, 2002). Logo, fica evidente que os

resultados dos testes, e o desempenho acadêmico, sofrem influência de situações ambientais diversas como a história de vida, aprendizagens anteriores e habilidades acadêmicas.

Concomitantemente a isso, o examinando ainda se trata de um sujeito em pleno desenvolvimento físico e mental, por isso, a avaliação neuropsicológica na infância se mostra como um desafio, não tendo resultados fechados e enrijecidos, havendo a necessidade de se avaliar tanto de forma quantitativa como qualitativa ((UEHARA; MATA; FICHMAN; MALLOY-DINIZ, 2016). Compôs os dados qualitativos no presente estudo: entrevistas, anamneses, observações durante as sessões, atividades comportamentais e tarefas sem padronizações, como jogos, vídeos e outros. Os dados qualitativos são utilizados como um complemento ao processo de avaliação contribuindo para que os dados não observados por intermédio de testes padronizados confirmem ou questionem os dados quantitativos (MAIA; FONSECA, 2002). Por meio dos dados obtidos foram pensados pela equipe de extensionistas estratégias de intervenção que se deu em duas frentes: uma de atenção primária e outra de atenção secundária e terciária.

Estratégias de prevenção primária

A literatura informa que pessoas com capacidade intelectual abaixo do esperado para a idade, que não recebem atendimento adequado para suas necessidades, podem apresentar comorbidades psiquiátricas como transtornos de humor (ansiedade, depressão), e outras condições relacionadas à baixa autoestima, ao isolamento social e poucas oportunidades de inserção social. Assim, para fornecer meios protetivos no curso do desenvolvimento de Habib sugere-se “aumento de competências, como apego seguro com os progenitores [neste caso, figuras familiares de referência], habilidades sociais na relação com os pares e práticas educativas parentais saudáveis” (MURTA, 2007 p. 2).

No nível comunitário poderia ser feito um trabalho na equipe escolar e com familiares para manejo de práticas saudáveis de desenvolvimento. Quanto às técnicas empregadas, estas poderiam ser da abordagem cognitivo-comportamental, como ensaio comportamental, modelagem, treino de assertividade e treino de solução de problemas. Sessões de aconselhamento e discussão em grupo sobre temáticas integradas (“rodas de conversa”) também podem ser utilizados como meios de prevenção primária (MURTA, 2007 p. 3).

Estratégias de prevenção secundária e terciária

O homem modifica o ambiente e é modificado por ele (VYGOTSKY; LURIA, 1996). O examinando apresentou desempenho abaixo do esperado para a população da mesma idade

para os aspectos de inteligência e raciocínio geral, assim como também ficou com classificação baixa nos fatores atencionais, perceptuais e de memória. Notou-se através de investigações sob forma de entrevistas com os responsáveis que havia também limitações de estímulos nos ambientes mais frequentados pela criança, tais como, baixa escolaridade dos pais e demais familiares. Habib apresentava dificuldades relacionadas ao uso do conhecimento transmitido pela cultura através do treino formal e a capacidade de usar informações contextualizadas, tendo baixa estimulação ambiental. Sendo sugerido à família e à escola o desenvolvimento de atividades breves e de dificuldades progressivas tanto individualmente quanto em grupos de crianças da mesma idade; possível encaminhamento ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou reforço pedagógico, que seria de grande auxílio para sanar a ausência de estimulação ambiental e a inserção em atividades em equipe como em atividades esportivas.

O programa de intervenção nas dificuldades de desempenho cognitivo identificadas no paciente Habib deve ser iniciado por delineamento claro dos comportamentos a serem trabalhados. Por exemplo, ao invés de termos abrangentes como “melhorar a atenção”, sugere-se “permanecer em uma tarefa por 15 minutos, três vezes por dia, por cinco dias consecutivos”. Este procedimento dá maior clareza para paciente e profissional sobre metas e meios a serem utilizados. O uso de motivadores (reforçadores) é elemento essencial para progressão, sendo todos os aspectos cuidadosamente mensurados para traçar linha de aprendizagem (PONTES; HUBNER, 2008).

Este tipo de intervenção sugerido – a atuação de incremento às estratégias pedagógicas – deve ser realizado mediante fundamentação teórica (MURTA, 2007) e constante monitoramento de resultados. Tanto os agentes - professores, familiares, demais membros de equipe pedagógica - quanto o paciente devem se envolver ativamente no planejamento de metas, compreensão das necessidades e monitoramento dos resultados.

Considerações finais

Podemos concluir que o ambiente no qual Habib vive não o molda para a uma sociedade letrada, não confirmando a hipótese diagnóstica inicial de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) do tipo desatento, porém, permite fazer o levantando de hipótese por meio do baixo rendimento nas atividades acadêmicas de baixa estimulação ambiental. Isso mostra para todos os envolvidos no processo de educação a importância do envolvimento e do incentivo de todos que permeiam o educando para a efetiva aquisição das habilidades acadêmicas básicas.

Diante desta situação, percebe-se que o paciente avaliado vivenciou inúmeras perdas e desperdício de oportunidades para se desenvolver, sendo necessário agora buscar alternativas para potencializar e criar meios que favoreça a aquisição de saberes indispensáveis para sua inserção no mundo letrado. Tudo isso pode ser oportunizado por meio do programa de intervenção voltado à estimulação ambiental.

Referências

ABREU, N. MATTOS, P. Memória. In: L. F. MALLOY-DINIZ, D. FUENTES, P. MATTOS; N. ABREU, ed., **Avaliação Neuropsicológica**, 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, p. 76-85, 2010.

BIDWELL, L.C.; WILLCUTT, E.G.; DEFRIES, J.C.; PENNINGTON, B.F. **Testing for neuropsychological endophenotypes in siblings discordant for attention-deficit/hyperactivity disorder**. Biol Psychiatry, 62(9): 991-8. Epub, 2007. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17585884>

CAMBRAIA, S. V. **O Teste de Atenção Concentrada AC**. Manual. São Paulo: Vetor Editora; 2009.

EL HAJJ, S. A.; BUENO, V. F.; ZANINOTTO, A. L. C.; LUCIA, M. C. S. de.; SCAFF, M. Avaliação da velocidade de processamento em uma amostra de crianças de 7 a 10 anos com e sem hipótese diagnóstica de TDAH. **Psicol. hosp.** São Paulo, v. 12, n. 1, p. 69-85, jan. 2014.

FLEITLICH-BILYK, B., CUNHA, G. R., ESTANISLAU, G. M.; ROSÁRIO, M. C. Saúde e transtornos mentais. In G. M. ESTANISLAU E R. A. BRESSAN (ORGS.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**, p. 25-36. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FLORES-MENDONZA, C. E. Inteligência Geral. In: L. F. MALLOY-DINIZ, D. FUENTES, P. MATTOS; N. ABREU, **Avaliação Neuropsicológica**, 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, p. 58-66, 2010.

FORQUIN, J. C. (org) **Sociologia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOBATO, A. G.; ROCHA, F. S.; BARBOSA, E.; PRETTE, Z. A.; FREITAS, F. L. A percepção de escolares quanto à adequação de desempenhos agressivos, passivos e socialmente habilidosos e sua relação com o gênero e a dificuldade de aprendizagem, 2001.

HOWIESON, D. B.; LEZAK, M. A avaliação neuropsicológica. In.: S. C. YUDOFISKY; R. E. HALES (orgs.), **Fundamentos de Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento**. 2ª. Ed. p. 41-65. Porto Alegre: Artmed, 2014.

IGNACIO, M. G.; GONSALEZ, S. M. L.; ALMEIDA, C. C. D. R.; ANDRADE, Ê. R. D.; MONTEIRO, L. D. C. Escala Wechsler de Inteligência para Criança (WISC-III) na investigação do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). **Psicologia Hospitalar**, v. 6, n. 2, p. 61-73, 2008.

JACOBSON, L. A.; RYAN, M. MARTIN, R.B; EWEN, J.; MOSTOFSKY, S.H.; DENCKLA, M.B.; MAHONE, E.M. Working memory influences processing speed and reading fluency in ADHD. **Child Neuropsychology**, v. 17, n. 3, p. 209-224, 2011.

LIMA, R. F. Compreendendo os mecanismos atencionais. **Ciênc Cognição**. v. 6, p. 113-22, 2005.

LURIA, A. R. Fundamentos da Neuropsicologia. **São Paulo: EDUSP**, p.223-44, 1981.

MAIA, A. C. B.; FONSECA, M. L. Quociente de Inteligência e Aquisição de Leitura: Um Estudo Correlacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, p. 261-270, 2002.

MANSUR, L. L. Linguagem. In: L. F. MALLOY-DINIZ; D. FUENTES; P. MATTOS ; N. ABREU, **Avaliação Neuropsicológica**, 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, p. 58-66, 2010.

MURTA, S. G. Programas de Prevenção a Problemas Emocionais e Comportamentais em Crianças e Adolescentes: Lições de Três Décadas de Pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20 (1), 1-8. Doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000100002>

NASCIMENTO, E. D.; FIGUEIREDO,V.D. WISC-III e WAIS-III: alterações nas versões originais americanas decorrentes das adaptações para uso no Brasil. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 603-612, 2002.

NEPOMUCENO, C. P.; BRIDI, J. C. A. O papel da escola e dos professores na educação de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v.9, n.1, 2010.

OLIVA, A. D.; VIERIA, M. L.; MENDES, D. M. F.; MARTINS,G. D. F. Aspectos biológicos e culturais sobre desenvolvimentos infantil e cuidados parentais In: VIEIRA, M. L.; OLIVA, A. D. (ORGS). **Evolução, cultura e comportamento humano**.1ªed. p. 159-219. Florianópolis: Edições do Bosque, 2017.

OLIVEIRA, M.; RIGONI, M.; ANDRETTA, I.; MORAES, J. F. Validação do Teste Figuras Complexas de Rey na população brasileira. **Avaliação Psicológica**, v.3, n.1, p. 33-38, 2004.
PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Artmed, 2013.

PONTES, L. M. M.; & HÜBNER, M. M. C. A reabilitação neuropsicológica sob a ótica da psicologia comportamental. *Rev. Psiq. Clín* 35 (1); 6-12, 2008. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000100002>

PRIMI, R. Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. **Avaliação Psicológica**, v. 2, n. 1, p. 67-77, 2003.

RUELA, S. F.; DE MOURA, M. L. S. Um estudo do nicho de desenvolvimento de um grupo de crianças em uma comunidade rural. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 315-324, 2007.

SEMKIW, R. W. Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental: ações e práticas pedagógicas para melhorar o desempenho escolar. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE** (versão online), vol. II, 2014.

SIQUEIRA, C.M; GURCEL-GIANNETTI, J. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Revista Associação Médica Brasileira**, v. 57, n.1, p. 78-87, 2011.

SNOW, J. B.; SAPP, G. L. WISC-III subtest patterns of ADHD and normal samples. **Psychological Reports**, v. 87, n. 3, p. 759-765, 2000.

STERMBERG, R. Percepção. In: R. STERMBERG, **Psicologia Cognitiva**, 5ª ed. São Paulo: Cengage Learning, p.65-105, 2010.

STERMBERG, R. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SUPER, C. M.; HARKNESS, S. The developmental niche: A conceptualization at the interface of child and culture. **International journal of behavioral development**, v. 9, n. 4, p. 545-569, 1986.

UEHARA, E.; MATA, F.; FICHMAN, H. C.; MALLOY-DINIZ, L. F. Funções Executivas na Infância. In: **Neuropsicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência** (Orgs). Porto Alegre: Artmed, 2016.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança**. Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.